

TEMPOMEDICINAONLINE

Economia da Saúde - Conceitos e Comportamentos, de Pedro Pita Barros

Livro aborda «forma de pensar do economista»

«Um convite a entrar na forma de pensar do economista» e uma obra para «compreender e agir sobre o sector da Saúde». É deste modo que o investigador Pedro Pita Barros apresenta o seu livro Economia da Saúde - Conceitos e Comportamentos, editado pela Almedina.

Pedro Pita Barros, investigador e docente da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa e research fellow do Center for Economic Research, em Londres, em entrevista ao «Tempo Medicina», explica que na área da economia da saúde «falta muita informação tratada, porque há muita informação que é escondida», mas, «com o que já existe, podemos fazer mais», defende. «Tempo Medicina» - A quem se dirige este livro?

Pedro Pita Barros - O objectivo é que o livro possa ser útil a muita gente. Há uma parte dirigida a economistas, que será uma parte mais técnica, e há, também, uma parte dirigida a pessoas de outras áreas, da Medicina, das ciências da administração, que é uma parte menos técnica, que apresenta as principais ideias, de uma forma tão simples quanto possível.

O livro está organizado por capítulos, com uma parte introdutória, que procura dar a intuição dos problemas, e tem depois a demonstração, quando for caso disso, dos argumentos que apresentei, e, sempre que consegui, introduzi também evidência portuguesa, tratada de forma técnica.

É um livro diferente do que, se calhar, a maior parte das pessoas estaria à espera. Há muita confusão entre a economia da saúde em si e a avaliação económica. Aqui tenho apenas um capítulo de avaliação económica e um capítulo ligado à equidade, por opção própria, porque acho que há pessoas em Portugal que conseguem escrever melhor e mais profundamente sobre esses temas.

Concentrei-me na outra parte da economia da saúde, que me interessa mais, que é a de perceber como é que os diferentes agentes do sector interagem entre si, no fundo, discutir o desenho do sistema, os comportamentos, como é que podemos influenciar esses comportamentos e os conceitos.

«TM» - Falou em informação portuguesa, é recorrente falar-se em falta de informação nacional, faltam mesmo dados nesta área?

PPB - Falta muita informação tratada, porque há muita informação que é escondida. Agora, muitas vezes, com o que já existe, podemos fazer mais. Por exemplo, o Inquérito Nacional de Saúde é um instrumento importante, que pode ser usado em muitos aspectos de análise do sector, e até os próprios académicos têm descurado a sua utilização. Mesmo que a maior parte das pessoas que trabalha na economia da saúde saiba que ele existe e o utilize, podíamos utilizá-lo muito mais.

Muita informação escondida

«TM» - Em relação à informação escondida, porque é que isso sucede?

PPB - Há muita informação escondida deliberadamente. Por exemplo, na parte dos hospitais, quando escrevi o livro não havia ainda informação sobre os hospitais SPA e SA. Se eu quisesse ter essa avaliação neste livro, nem o IGIF nem a Unidade de Missão estavam disponíveis para dar a informação.

Não sei por que é que isso sucede, talvez porque acham que as outras pessoas têm sempre objectivos políticos, ou outros. Mas a verdade é que, além das experiências negativas, também tenho experiências positivas, de conseguir a informação.

«TM» - Este problema tem a ver com alguma falta de opções políticas na Saúde?

PPB - Falta uma opção política na administração pública em geral para dar informação, não é específico da saúde. É a mentalidade portuguesa de não querer ceder informação.

«TM» - Há cada vez mais produção na economia da saúde, mas, ao mesmo tempo, parece haver pouca produção em outras áreas, como na sociologia, há alguma razão para isto?

PPB - Sei que na parte da economia da saúde tem aumentado o número de pessoas interessadas em fazer trabalho de qualidade. Na sociologia seria injusto estar a falar, porque não acompanho o suficiente para saber se se está a fazer alguma coisa.

«TM» - E em outras áreas ligadas à saúde, sente que há pouca investigação?

PPB - Nas áreas de gestão era importante haver mais trabalho, porque são áreas diferentes da economia. A economia, como eu a entendo, olha muito para a interacção entre agentes económicos. A administração e a gestão deviam olhar para a organização interna das instituições. E acho que aí nos falta muitas vezes mais conhecimento.

«TM» - Por que é que há mais investigação em economia?

PPB - Existe um número maior de académicos na economia da saúde, treinados fora do País, com hábitos de investigação diferentes. Mas, por outro lado, é muito fácil as pessoas envolvidas na investigação da saúde serem levadas rapidamente para exercer essas funções operacionais na administração. Se o fazem, não vão ter capacidade de fazer investigação. Ou fazem uma coisa, ou outra.

Maior disponibilidade

para a economia

«TM» - Há mais sensibilidade para ouvir falar de economia da saúde?

PPB - Desde há 10 ou 12 anos, nota-se uma maior disponibilidade para ouvir falar de temas associados com a economia aplicada à saúde. Há uma maior capacidade de discussão. Inclusive, há uma menor carga ideológica na discussão, que há 10 anos era muito marcada nesse aspecto.

«TM» - Essa menor carga ideológica tem-se traduzido em menos clareza política?

PPB - Não necessariamente. As pessoas começaram a aprender que se podia discutir o funcionamento do sector sem que tenha que haver uma opção ideológica marcada. Há uma análise e, por cima dessa análise, cada um pode pôr as suas preferências, mas temos, pelo menos, que concordar no que é evidência, quais são os principais factores, as determinantes deste e daquele movimento, e isso tem acontecido.

Com o tempo, tem também acontecido um aproximar das linguagens entre os economistas e os profissionais, porque, muitas vezes, o mesmo termo indicava coisas diferentes. Por outro lado, todo o ambiente de pressão orçamental tem levado os profissionais a interessarem-se mais pela economia.

Pedro Rodrigues

TM 1,º CADERNO de 2006.01.04
0611431C12205PR51D